

PORTUGUÊS BRASILEIRO PARA MIGRAÇÃO HUMANITÁRIA: UM PROJETO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Cláudia Helena Daher

claudia.daher10@gmail.com

Departamento de Letras Estrangeiras Modernas – Universidade Federal do Paraná
Brasil

Maria Cristina Figueiredo Silva

figueiredosilvamc@gmail.com

Departamento de Literatura e Linguística – Universidade Federal do Paraná
Brasil

Maria Gabriel

mgabriel.ufpr@gmail.com

Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Letras – Universidade Federal do Paraná
Brasil

Natalia Verônica Lemos

natylemos@gmail.com

Graduanda do curso de Letras Português-Espanhol – Universidade Federal do Paraná
Brasil

Rafaela Tschöke Santana

santanarafaela@hotmail.com

Graduada no curso de Letras Francês – Universidade Federal do Paraná
Brasil

Viviane Araújo Alves da Costa Pereira

viviane.pereira.fr@gmail.com

Departamento de Línguas Estrangeiras Modernas – Universidade Federal do Paraná¹
Brasil

Resumo

O projeto de extensão universitária Português Brasileiro para Migração Humanitária (PBMIH) promove desde 2013 o acolhimento a migrantes residentes na cidade de Curitiba e região metropolitana, por meio do ensino do português brasileiro. O breve histórico do PBMIH presente neste artigo evidencia o processo de aprendizagem experienciado no desenvolvimento desta proposta de ensino de língua para este público particular. Para além de apresentar a metodologia do projeto, sua

organização interna e sua dimensão formativa no ambiente universitário, este trabalho vem demonstrar que a integração dos migrantes na sociedade da qual passam a fazer parte perpassa as dimensões social e cultural, bem como se fortalece pela ação interdisciplinar.

Palavras-chave: migração, ensino de língua estrangeira, português brasileiro, extensão universitária, acolhimento.

BRAZILIAN PORTUGUESE FOR HUMANITARIAN MIGRATION: AN UNIVERSITY EXTENSION PROJECT

Abstract

The university extension project Brazilian Portuguese for Humanitarian Migration (PBMIH) promotes since 2013 the welcoming of migrants established in Curitiba and its metropolitan area through the teaching of Brazilian Portuguese. The brief history presented in this article highlights the learning process experienced during the development of this proposal of language teaching for this particular audience. For beyond of presenting the project methodology, its internal work organization processes and its educational dimension in an university environment, this report shows that migrant's integration in the society of which they become part of goes through social and cultural dimensions, as well as gains strength with interdisciplinary action.

Keywords: migration, foreign language teaching, Brazilian Portuguese, university extension, welcoming.

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta o projeto de extensão PBMIH – Português Brasileiro para Migração Humanitária, desenvolvido na Universidade Federal do Paraná (UFPR) desde o final de 2013. Nossa intenção aqui é fazer uma discussão sobre as bases teóricas que guiam nossa atuação e fornecer as informações mais atualizadas sobre o projeto, incluindo nossas ações durante a pandemia da Covid-19 que assolou o mundo neste ano de 2020, interrompendo nossas atividades normais de atendimento.

O artigo se organiza como se segue: primeiramente, apresentamos um histórico do projeto que contextualiza a sua criação, suas demandas iniciais e a resolução de certos problemas teóricos que se colocavam, além de atualizar informações sobre seu formato nos últimos anos. A seguir, apresentamos os problemas colocados pela pandemia e nossas ações mais recentes. Concluimos essa exposição adiantando algumas das nossas expectativas futuras.

HISTÓRICO DO PROJETO

Como nasceu o PBMIH na UFPR

A migração é um fenômeno perene no mundo, mas se acentuou no início deste século devido a catástrofes naturais, guerras ou situações políticas e econômicas difíceis. Para os países que possuem legislação específica para receber migrantes em situação de refúgio, acolhida humanitária e/ou em vulnerabilidade social, está claro que não é apenas o acesso a recursos materiais que garante a integração do migrante; também o acesso aos recursos simbólicos, dentre eles a língua, interfere diretamente na sua participação efetiva na nova sociedade em que ele está (cf. Norton, 2013). Sob esse ponto de vista, instituir um projeto de extensão que pudesse ensinar o português brasileiro no contexto de migração e refúgio foi um modo de responder a essa demanda de acesso a recursos simbólicos no acolhimento aos migrantes residentes na cidade de Curitiba e região metropolitana.

Nascido ao final do ano de 2013, em parte como atendimento a um chamado da Prefeitura Municipal de Curitiba e também de outras organizações como a ONG Casla (Casa Latino Americana) e a Associação de Haitianos (presidida pela haitiana Laurette Bernardin), o PBMIH é, atualmente, um projeto de extensão da UFPR que faz parte de um programa de extensão maior – o PMUB (Política Migratória e Universidade Brasileira), que, nas palavras de Gabriel e Albuquerque (no prelo),

possui um caráter interdisciplinar, articulando as atividades de extensão universitária com organizações da sociedade civil, instâncias e órgãos públicos, atuando criticamente em relação à política migratória operada pelo governo brasileiro e buscando promover o constante diálogo entre diferentes grupos e instituições.

É nesse contexto que se estabelece um convênio entre a UFPR e o ACNUR (Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados), instalando na universidade a Cátedra Sérgio Vieira de Melo.

Num primeiro momento, o projeto se organizou para o atendimento do grupo de haitianos que veio para a cidade, sobretudo, para trabalhar na construção civil. Para dar uma ideia da dimensão desse grupo de migrantes, no segundo semestre acadêmico de 2015 (ou seja, dois anos depois de criado o projeto), tínhamos abertas 9 turmas especificamente para acolher migrantes haitianos, abrangendo desde uma turma de letramento (destinada a alfabetizar adultos em português como língua estrangeira), passando por turmas de nível Básico 1, básico 2, Pré-intermediário até chegar nos níveis mais altos do Intermediário 1 e Intermediário 2. Nesse primeiro momento, o público total do PBMIH era de cerca de 200 alunos, predominantemente masculino (em torno de 85%), com idade bastante variada (entre 19 e 53 anos).

Ao longo dos anos o público participante do projeto foi se reconfigurando e novas necessidades foram igualmente surgindo. A procura pelo projeto, no entanto, manteve-se elevada. Apresentamos na sequência alguns dados atuais sobre o público e as ações desenvolvidas junto a eles.

A ORGANIZAÇÃO INTERNA DO CURSO

É bastante comum encontrar cursos de línguas estrangeiras que se organizam em torno de unidades didáticas longas, que exploram certos temas por várias aulas seguidas, abordando tanto as questões culturais e de vocabulário, quanto certas unidades gramaticais particularmente favorecidas por aquele tema. Esse modo de organizar o ensino transparece claramente numa boa parte dos métodos de ensino de língua estrangeira, incluindo os de português como língua estrangeira (PLE).

Bem cedo, contudo, ficou claro que o formato de um curso voltado para migrantes deveria ser distinto do formato dos cursos regulares de língua estrangeira oferecidos, por exemplo, pelo Celin (Centro de Línguas e Interculturalidade), outro projeto de extensão da UFPR, responsável pelo oferecimento de cursos de línguas para a comunidade ao mesmo tempo em que oferece formação pedagógica para os alunos de graduação em Letras com habilitações nas mais diversas línguas estrangeiras, incluindo o português como língua estrangeira.

Nos nossos cursos de português para os migrantes, embora tivéssemos consultado os alunos para definir o horário para as aulas (que, por escolha deles, ficou definido para os sábados à tarde, das 15h às 18h, horário que se mantém até hoje), notamos um número expressivo de faltas dos alunos, seja porque num sábado ou noutro eles conseguiam algum trabalho extra e, portanto, faltavam ao curso para pegar esse novo trabalho, seja porque tinham dificuldades financeiras para pagar os bilhetes de ônibus, seja porque estavam exaustos pelo trabalho da semana toda. Além disso, diferentemente de outros fluxos migratórios (trabalho, estudo, lazer etc.) em que a viagem advém de uma organização; o migrante em condição de migração forçada chega ao país (Brasil), ao estado (Paraná) e à cidade (Curitiba) quando é possível, visto que o deslocamento é imposto por condições externas e adversas.

Por conta dessas observações, ficou clara a necessidade de elaborar materiais específicos para esses cursos tendo em mente essa dinâmica, que convencionamos chamar “porta giratória”: exatamente porque não é certo que os alunos virão a todas as aulas, e também porque é provável a entrada de outros alunos em qualquer momento do semestre (no caso de mais de três faltas seguidas de um aluno, um outro inscrito da lista de espera é chamado), não é possível trabalhar com unidades que ultrapassem as três horas de aula previstas para cada encontro. Assim, os materiais didáticos devem explorar uma temática com começo, meio e fim, tudo compreendido nessas três horas de aula. Evidentemente, os temas podem ser retomados em outra aula, mas a outra aula também será uma unidade com começo, meio e fim.

Esse formato especial coloca a premência da preparação de material para as aulas toda semana, o que é evidentemente uma tarefa bastante empenhativa para os participantes do projeto. Todavia, desde os seus primeiros momentos, muitos voluntários, sobretudo alunos do curso de Letras da UFPR, se dispuseram a participar desse projeto, o que permitiu que as salas de aula tivessem vários professores ao mesmo tempo. Assim, a divisão da tarefa de preparação das aulas tornou possível não apenas que os voluntários não ficassem exauridos pela tarefa constante de preparação, mas permitiu igualmente que os alunos de graduação participantes do projeto tivessem pouco a pouco formação específica no projeto, seja como autores de materiais (que cobririam parte do período de três horas), seja como ministrantes dessas atividades por eles preparadas.

Para tornar possível o funcionamento harmônico do projeto, reuniões semanais com todas as equipes passaram a ser feitas todas as sextas-feiras no final da tarde (entre

17h e 18h30); nelas se discutiam uma variedade de coisas, desde problemas pontuais como a organização das fotocópias do material até questões relativas a como ministrar aulas para a população específica de migrantes. Esse momento também ficou historicamente reservado para a reunião das equipes e o preparo da aula do sábado.

ESCOLHAS TEÓRICAS PARA A ABORDAGEM DO ENSINO DA LÍNGUA E DA CULTURA

O Brasil tem um problema linguístico que, a rigor, está presente em toda a América, mas que no caso do Brasil é particularmente agudo. Trata-se do problema da diferenciação da língua falada nas antigas colônias frente ao idioma padrão falado nos países europeus colonizadores – no caso da América do Sul, fundamentalmente o espanhol e o português.

No Brasil, uma série de estudos desenvolvidos desde os anos 70, sobretudo nas universidades, mostrou que a língua falada nesse país, em qualquer das suas regiões, se distingue com clareza do português falado em Portugal, em qualquer de suas regiões. E não se trata apenas de um problema de pronúncia: muito além da diferença fonético-fonológica, em praticamente cada rincão da gramática o português brasileiro e o português europeu são línguas distintas, às vezes bastante próximas, como em certas áreas da morfologia, às vezes muito distantes, como é o caso de muitas construções sintáticas (cf. entre muitos outros: Perini 1995, 2017; Roberts & Kato 1993; Galves, Kato e Roberts 2019; além da excepcional *Gramática do português falado no Brasil*, uma coleção de uma dezena de volumes, organizada pelo Prof. Ataliba Castilho como um projeto de pesquisa envolvendo muitos estudiosos brasileiros).

Por isso, quando falamos em ensinar o português como língua estrangeira no Brasil, em particular para uma população que tem como primeiro objetivo entender o que se passa na realidade imediata, como conseguir fazer o cartão de vacina para os filhos ou para conseguir pedir a ligação da luz elétrica na casa em que vão morar, só faz sentido ensinar o português brasileiro, a língua falada no Brasil. Evidentemente, à medida que os alunos vão avançando nos níveis do curso, a questão da língua escrita começa a se colocar de maneira mais clara e então deve ser abordado o problema do português padrão, que está evidentemente mais próximo do português europeu. Mas mesmo nesse momento, o português brasileiro, isto é, o português falado no Brasil é a base de comparação para esse novo conhecimento relativo ao português padrão.

Por outro lado, outra questão importante com respeito à língua, concerne um lugar comum na área de aquisição de língua estrangeira, que atribui parte do sucesso do processo de ensino e aprendizagem à motivação do estudante, sua identificação com a cultura, sua escolha pela língua (cf. Gardner, 1985). Ora, o migrante não tem em princípio nenhuma identificação com a cultura do país para onde vai; também não é o caso de dizer que ele escolhe propriamente a língua que vai aprender; na melhor das hipóteses, ele escolhe o país que vai recebê-lo. E é por isso mesmo que a perspectiva de quem vai ensinar a língua não escolhida deve ser a de acolhimento (cf. Cabete, 2010), porque esse ensino deve estar voltado para a integração do migrante na nova sociedade. Apresentar as informações necessárias para que ele possa se integrar nessa nova vida social, em “novas tarefas linguístico-comunicativas que devem ser realizadas na língua alvo”, nas palavras de Grosso (2010). Por outro lado, o curso de língua tem que ser um espaço de escuta para tornar possível a (re)construção da identidade nesse novo contexto. Por isso, os materiais preparados devem conter informações objetivas de interesse (como o acesso ao SUS, por exemplo), ao mesmo tempo em que, apresentando traços da cultura brasileira, abrem espaço para a exposição de traços culturais do país de origem dos alunos. Torna-se, portanto, essencial promover também espaços em que o aluno possa falar de si, pois a lembrança pode se constituir uma ferramenta importante para a recuperação cultural (cf. Campano, 2007).

Fruto de parcerias estabelecidas dentro do grande projeto PMUB, outras iniciativas procuraram fornecer qualificação dos migrantes; por exemplo, o projeto de acesso ao conhecimento em informática básica, coordenado por professores do curso de Ciência da Computação, tem lugar aos sábados, entre 13h30 e 15h. Nesse mesmo horário, que antecede as aulas de português brasileiro, por meio de uma parceria importante com o PET-História/UFPR, foram abertas turmas com o intuito de oferecer uma formação básica e lúdica dos principais capítulos da história do Brasil para os participantes do PBMIH.

Pensando na integração do migrante na cultura brasileira, também foram organizadas nesses anos de projeto algumas iniciativas culturais, como a visita ao museu Oscar Niemayer ou a ida ao Teatro Guaíra para assistir a um concerto da Orquestra Sinfônica do Paraná. Acrescente-se aqui um outro conjunto de iniciativas com participação ativa dos migrantes, como os eventos de literatura de refúgio e exposição de fotos do olhar dos migrantes. Em uma perspectiva que favorece a troca cultural e linguística, tivemos em 2019 dois cursos básicos de crioulo haitiano

ministrados por migrantes haitianos, egressos dos cursos de português brasileiro do PBMIH e atualmente estudantes universitários da UFPR.

Em uma iniciativa do Programa Política Migratória e Universidade Brasileira, desde 2014 a UFPR tem uma resolução específica para o ingresso de migrantes que já estavam matriculados em algum curso universitário em seu país de origem, aproveitando vagas remanescentes dos cursos correspondentes no âmbito da instituição. A resolução visa assegurar um processo mais rápido de entrada, com processos de aceitação de documentação e revalidação de créditos menos burocratizados. Em 2018, nova resolução do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da UFPR estabelece e aprova a criação de vagas suplementares destinadas a migrantes em condição de refugiados ou portadores de visto humanitário, preenchidas por meio de um vestibular específico para migrantes.

DESENVOLVIMENTOS RECENTES DO PBMIH

A experiência de todos esses anos de projeto foi nos guiando em algumas mudanças que fomos implementando pouco a pouco. Por exemplo, a dinâmica do PBMIH para o primeiro atendimento aos migrantes mudou. Inicialmente, esse primeiro atendimento ao interessado no curso de português brasileiro era dado na tarde do sábado, quando as inscrições eram feitas. Fazíamos uma pequena entrevista com o candidato para saber para que nível ele deveria ser encaminhado e então, se houvesse vaga na turma, ele poderia entrar imediatamente; caso contrário, havia uma turma de atividade apenas para aquela tarde, para que o candidato não voltasse para casa sem ter tido qualquer tipo de acolhida. Essa turma era sem nível específico e promovia atividades, por exemplo, como o jogo de bingo, para treinar números, uma coisa sempre difícil e sempre útil numa língua estrangeira.

Contudo, o que notamos foi que, embora insistíssemos para que o candidato esperasse ser chamado e só voltasse quando houvesse vaga para ele na turma adequada ao seu nível, no sábado seguinte lá estava o nosso migrante novamente, pronto para outra rodada de bingo! Dado o aumento do número de interessados e a restrição de pessoal e espaço físico, optamos, durante certo tempo, por não fazer esse primeiro contato aos sábados, encaminhando os candidatos para outro lugar da universidade durante a semana para acessar essas duas atividades – inscrição e nivelamento. Mas isso

também não funcionou. Retomamos então o primeiro atendimento aos sábados, mas agora sem turma de acolhimento.

Nos últimos anos, o caso mais geral foi o de turmas lotadas desde o primeiro dia de aula, e mais de 100 pessoas esperando para se inscreverem. O número de haitianos no curso se manteve estável, mas o número de venezuelanos que nos procuram subiu vertiginosamente desde 2017; segundo Gabriel e Albuquerque (no prelo), os dados fornecidos pelo Conare em 2018 mostram que nesse ano o Brasil recebeu algo em torno de 80 mil solicitações de visto de refúgio, dos quais mais de 60 mil eram provenientes de venezuelanos; da parte de haitianos, o volume de solicitações foi de 7 mil.

Os dados de 2019 são reveladores: no início do primeiro semestre, tínhamos atendimento para um total de 219 alunos em 11 turmas diferentes e, à medida que os alunos da lista de espera foram sendo chamados, terminamos o semestre com apenas 36 pessoas aguardando vaga; no segundo semestre, foram 181 alunos atendidos nas 10 turmas abertas e uma lista de espera ao final do semestre alcançou a marca de 229 pessoas – e isso porque 158 delas foram chamadas durante o semestre para ocupar vagas vacantes nas turmas abertas!

Uma modificação importante no perfil dos alunos teve lugar em anos recentes: mais mulheres vieram fazer o curso de português. Isso se deve a vários fatores: observa-se, por exemplo, que muitos migrantes haitianos vieram primeiro para se instalar no Brasil para só depois trazer sua família; além disso, a mudança no perfil dos migrantes, incluindo sírios e venezuelanos, que já vieram com a família, também aumentou o número de mulheres procurando vagas nos nossos cursos. Mas há uma iniciativa da parceria estabelecida entre o PBMIH e o curso de Psicologia da UFPR que permitiu, a partir de 2017, que mais mães (e também pais, é claro) pudessem se integrar nos nossos cursos de línguas: o projeto *Pequenos do Mundo*, que, nas palavras de Gabriel *et al.* (No prelo), “objetiva a criação de um espaço lúdico e seguro para que as crianças migrantes possam desenvolver atividades recreativas e culturais enquanto os pais cursam as aulas de português”.

A presença cada vez maior de mulheres no PBMIH nos levou a pensar em alguma ação que pudesse contemplar mais especificamente as mulheres migrantes e refugiadas da região de Curitiba, com o intuito de fortalecer laços afetivos e culturais, além de proporcionar um momento de partilha de habilidades artísticas e que teriam potencial para gerar renda para essas famílias (com a produção e venda de bolsas, por exemplo). Assim, em 2019, criou-se a *Entrelaços*, um grupo que iniciou suas atividades

com uma turma de bordado e encadernação, que arrecadou material na comunidade universitária e também contou com a doação de materiais do ACNUR, ao mesmo tempo em que sagrou uma parceria com o curso de Design da UFPR revelando-se muito frutífera durante a pandemia, como veremos na próxima seção.

Outra modificação importante foi a transformação do caráter do encontro realizado às sextas-feiras que, inicialmente, era registrado como um curso de extensão e a partir de 2018 adquiriu o contorno de uma disciplina optativa, que faz a formação dos graduandos participantes no projeto, além de estar aberta aos pós-graduandos e também a professores de português ou de línguas da comunidade. Os dois departamentos envolvidos com o PBMIH, o Departamento de Literatura e Linguística (DELLIN) e o Departamento de Letras Estrangeiras Modernas (DELEM), desenvolveram já há alguns anos um conjunto de quatro disciplinas optativas de 30h, que em seu todo forneceriam 120 horas de formação para os graduandos especificamente em ensino de português (brasileiro) como uma língua estrangeira (PLE). São essas as disciplinas que estamos oferecendo a cada semestre no horário do final da tarde de sexta-feira, horário historicamente reservado para a discussão dos temas atinentes ao PBMIH.

A disciplina tem o escopo de discutir concepções de língua e de ensino de língua estrangeira, e também de discutir questões do português brasileiro e de produção de materiais didáticos. Como bem nota Batista (2011), é muito importante que todos os envolvidos no processo tenham a clareza sobre a abordagem de como a língua é ensinada, já que este é “um fator importante tanto para o enfoque em sala de aula, como para a elaboração de materiais didáticos, quanto para a abordagem linguística, languageira, cultural, intercultural, sócio-discursiva, entre outras.

Essa mudança na instituição da disciplina aconteceu acompanhando outras mudanças que já tinham ocorrido em anos anteriores. O projeto oferecia, no início, uma liberdade muito grande para os professores com respeito aos conteúdos a serem apresentados aos alunos migrantes. No entanto, exatamente porque o projeto teve sucesso e os alunos foram progredindo de nível, foi necessário organizar os conteúdos a serem ministrados em cada nível. Atualmente, no início de cada semestre o responsável pela turma recebe uma pasta que sugere temas e conteúdos a serem abordados naquele semestre. Os professores continuam tendo liberdade para abordar outros temas, mas já sabem do pressuposto que o professor do próximo nível terá com respeito ao que foi feito no nível anterior.

A formação de quadros entre os estudantes de graduação é um aspecto muito interessante do projeto; a cada início de semestre abrimos um edital para graduandos, pós-graduandos e professores da comunidade se inscreverem; o trabalho é voluntário, mas nem por isso o engajamento deve ser menor. Em 2019, no primeiro semestre tínhamos 26 graduandos distribuídos nas 11 salas de aula (além de pós-graduandos e professores do quadro da UFPR); no segundo semestre, eram 23 graduandos distribuídos nas 10 salas de aula abertas no semestre; no primeiro semestre de 2020 seriam 12 turmas abertas e 29 graduandos em sala.

Além da disciplina optativa (mas obrigatória para os graduandos que querem participar do projeto), temos desde os primórdios do projeto o diferencial de manter em sala vários professores, o que nos permite sempre ter um professor mais experiente (que pode ser um graduando mais antigo no projeto e no curso de graduação, um pós-graduando ou algum professor de fora que já tenha experiência com a população) ao lado dos graduandos novatos no projeto e no curso (muitos calouros se interessam pelo projeto, o que é ótimo!), de modo que temos sempre pelo menos dois professores em sala, preferencialmente um mais experiente e outro menos, para permitir a troca de experiência e a formação de quadros. Os relatos desses professores (cf. Santana, 2019) mostram que este é um aspecto de muito sucesso do PBMIH, pois de fato os graduandos terminam por obter uma formação pedagógica bastante consistente para atuar junto a esse público, sendo muitas vezes decisiva para a escolha profissional dos graduandos.

Por seu turno, a preparação mesma do material didático foi passando por uma série de ajustes no correr dos anos de projeto; além de uma certa uniformização de conteúdos, como fruto de estudo e pesquisas desenvolvidas sobre o tema no interior do PBMIH chegamos a um formato de aulas que parece responder bem às demandas que temos, incluindo a de disponibilizar material de qualidade para os diversos grupos, muitas vezes ligados a ONGs ou a igrejas, que tomam para si a tarefa de ajudar os migrantes a adquirirem o português, mas não possuem formação na área de Letras.

Foi com esse espírito que foi idealizada a *Ressonâncias*, uma revista digital de material didático, na qual professores de todo o Brasil (e igualmente de fora) podem encontrar materiais produzidos especialmente para o contexto de migração forçada e refúgio. A revista é evidentemente um recurso educacional aberto, que embora no seu primeiro número tenha sido elaborada com materiais produzidos no âmbito do PBMIH, permitirá a partir do seu segundo número também a publicação de materiais produzidos em outros centros de referência, desde que os materiais sejam submetidos ao corpo de

pareceristas da revista, de modo a garantir a qualidade do que se publica nela. O primeiro número se encontra disponível no endereço <https://issuu.com/ressonancias>.

Esse conjunto de ações se viu subitamente interrompido em março de 2020 por conta da pandemia pelo novo Corona vírus; contudo, outras ações foram viabilizadas para manter algum contato com os alunos do projeto.

NOSSAS AÇÕES DURANTE A PANDEMIA

A Universidade Federal do Paraná suspendeu as aulas presenciais da graduação e da pós-graduação no dia 16 de março de 2020. O semestre letivo já tinha sido iniciado 15 dias antes, e as atividades do PBMIH deveriam se iniciar no sábado, dia 14 de março, mas a administração superior da universidade (e a prudência) nos desaconselhou a iniciar um semestre que teria de ser interrompido de todas as maneiras.

Esse primeiro semestre de 2020 teria um número de turmas de pré-intermediário (o nível em que colocamos a maior parte dos falantes de espanhol que nos procuram para iniciar um curso de português) absolutamente inédito: teríamos um total de cinco turmas, com potencial para atender em torno dos cem alunos. A expectativa era a de atendermos um total de 253 alunos nesse semestre. Ainda assim, mesmo antes do primeiro dia de aula, quando muitos novos candidatos se apresentam, nossa lista de espera exibia os nomes e os números de telefones de 145 pessoas.

A pandemia colocou novos desafios e necessidades para o projeto. O primeiro deles foi a produção de materiais informativos, com um formato bastante simples e visualmente confortável, com informações diversas sobre medidas de higienização e prevenção contra o corona vírus, sobre a confecção de máscaras caseiras, conjuntos de instruções também sobre saúde mental para adultos e crianças em tempos de isolamento, e igualmente uma série de informações sobre acesso ao auxílio emergencial, à agência do trabalhador para vagas de emprego, como fazer o cadastro único, como receber o auxílio da prefeitura de Curitiba para as famílias que possuíam crianças na rede municipal de ensino. Para a produção desse material, foi crucial a parceria com o curso de Design da UFPR e com os alunos de Letras, Comunicação e Psicologia que atuam de maneira colaborativa na elaboração e na tradução de todos os materiais em português e mais cinco línguas – as línguas dos nossos alunos: espanhol, francês, inglês, crioulo haitiano e árabe. O conteúdo completo das produções pode ser acessado no seguinte endereço: <https://www.pbmihufpr.com/>.

Além disso, os laços com as mulheres migrantes participantes da *Entrelaços* e com as crianças que frequentavam os *Pequenos do Mundo* foram igualmente reforçados, com a gravação de pequenos vídeos com histórias e algumas atividades curtas. Essas ações foram importantes para que os vínculos criados com os nossos alunos migrantes não ficassem esquecidos nesse momento de dificuldade para todos, e para eles em particular.

CONCLUSÕES: PLANOS PARA O FUTURO PRÓXIMO

A pandemia uma hora vai passar e será possível retomarmos em alguma medida as nossas atividades. Mas que atividades gostaríamos de retomar, enquanto projeto?

Uma atividade para a qual estamos nos preparando é a de instituir um Certificado de Capacidade de Comunicação, documento exigido pela Polícia Federal quando os migrantes, após alguns anos de vida no Brasil, podem pedir sua naturalização. A Portaria Interministerial nº 16, de 3 de outubro de 2018, flexibilizou a comprovação da capacidade de comunicação em língua portuguesa, mas documentos como declarações simples de capacidade linguística não têm sido aceitos pela Polícia Federal, sob o argumento de que não se trata de um documento legal, com alta possibilidade de ser falsificado ou fraudado.

Por essa razão, o PBMIH buscou parceria com o Núcleo de Concursos da UFPR e está elaborando um processo que certifica a capacidade de comunicação em língua portuguesa nos termos da lei. Temos como objetivo aqui a criação de uma certificação gratuita para contemplar especificamente a população migrante com visto de refúgio e acolhida humanitária, permitindo, nas palavras de Gabriel, Albuquerque e Bordini (no prelo), “a certificação de migrantes que possuem a capacidade de comunicação em língua portuguesa, mas não passaram por um processo formal de ensino”.

Aliás, a discussão sobre avaliação é um ponto que ainda não abordamos de maneira satisfatória dentro do PBMIH. Embora já esteja consolidada uma ideia de avaliação processual (cf. Rocha, 2010), já é tempo de pensarmos nos processos avaliativos dentro do projeto, procurando unificar em alguma medida esses procedimentos, ao mesmo tempo em que possibilitamos a formação dos nossos graduandos também nesse quesito, um ponto que vai se tornar mais importante na medida em que oferecermos esse exame de língua para fins de naturalização.

Ademais, temos como objetivo consolidar cada vez mais o PBMIH como um espaço de estudo e pesquisa. No presente momento, temos um grupo de estudos formado especificamente para desenvolver pesquisa sobre o ensino de português

brasileiro para falantes de espanhol, com o intuito de produzir materiais específicos para resolver problemas de pronúncia e de interferência linguística.

E essa não é uma iniciativa de última hora, fruto da pandemia: desde a sua implementação o PBMIH é um espaço e objeto para aplicação e desenvolvimento de diversas pesquisas acadêmicas e trabalhos de conclusão de curso a nível de graduação, mestrado e doutorado. Alguns dos trabalhos que versam sobre o projeto ou seus desdobramentos são: a) *Somos mais que isso: Práticas de (Re)existência de Migrantes e Refugiados Frente à Despossessão e ao Não Reconhecimento* (Anunciação, 2017); b) *A relação entre as classes acionais, definitude do objeto e telicidade do predicado na interpretação temporal de passado no crioulo haitiano* (Cursino, 2018); c) *Programa Reingresso - UFPR – aproveitamento de vagas remanescentes para a reinserção acadêmica de migrantes e refugiados: ações de acolhimento* (Pupatto, 2019); d) *“Nunca vai ser suficiente pra mim”: língua, identidade e acolhimento em experiências de alunos migrantes refugiados na Universidade Federal do Paraná* (Rodrigues, 2019); e) *Caminhos Dinâmicos em inteligibilidade e compreensibilidade de Línguas Adicionais: um estudo longitudinal com dados de fala de haitianos aprendizes de Português Brasileiro* (Albuquerque, 2019); f) *Português Brasileiro para Migração Humanitária (PBMIH): Impactos da Extensão Universitária na Trajetória Acadêmica e Profissional dos Professores* (Santana, 2019).

Atualmente, temos duas teses de doutorado, três dissertações de mestrado e três monografias de conclusão de curso sendo desenvolvidos no âmbito do projeto. A pesquisa é parte constitutiva do PBMIH desde sempre e assim esperamos que ele continue.

REFERÊNCIAS

- Albuquerque, J. I. A. de (2019). *Caminhos dinâmicos em inteligibilidade e compreensibilidade de línguas adicionais: um estudo longitudinal com dados de fala de haitianos aprendizes de português brasileiro*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/207592>
- Anunciação, R. F. M. (2017). *Somos mais que isso: práticas de (re)existência de migrantes e refugiados frente à despossessão e ao não reconhecimento*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade

Estadual de Campinas, SP.

<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/325573>

- Batista, M.R. (2011) Desestrangueirização em português como língua segunda: o caso de estudantes alemães e italianos. *Revista SIPLE* 3 (1).
- Cabete, M. (2010) *O processo de ensino-aprendizagem do português enquanto língua de acolhimento*. Dissertação de Mestrado. Programa de Mestrado em Língua e cultura portuguesa. Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Campano, G. (2007). *Immigrant Students and Literacy: Reading, Writing and Remembering*. Nova York: Teachers College Press.
- Cursino, C.A. (2018). *A Relação entre as classes acionais, definitude do objeto e telicidade do predicado na interpretação temporal de passado no crioulo haitiano*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Paraná, Curitiba.
<https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/60071>
- Gabriel, M., & Albuquerque, J. (No Prelo). Momentos Críticos: Formação Informada no Ensino-Aprendizagem de PLA em Contexto de Migração Forçada. *Fórum Linguístico*. Universidade Federal de Santa Catarina.
- Gabriel, M., Albuquerque, J., & Bordini, M.I. (No Prelo). Conjunturas Políticas em Contexto de Migração e Refúgio: um olhar glotopolítico. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*.
- Galves, C.; Kato, M., & Roberts, I. (2019). *Português brasileiro: uma segunda viagem diacrônica*. Campinas: Editora da UNICAMP.
- Gardner, R. (1985). *Social Psychology and Second Language Learning: The Role of Attitude and Motivation*. London: Edward Arnold.
- Grosso, M. J. R. (2010). Língua de acolhimento, língua de integração. *Horizontes de Linguística Aplicada*, 9(2), 61-77.
- Norton, B. (2013) *Identity and Language Learning: Extending the conversation*. Bristol: Multilingual Matters (E-book).
- Perini, M.A. (1995). *Para uma nova gramática do português*. São Paulo: Ática.
- _____ (2017). *Gramática descritiva do português brasileiro*. Petrópolis: Vozes.
- Roberts, I. & Kato, M. (1993). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da UNICAMP.
- Rocha, R.F.N.B (2010). *Avaliação processual no ensino de língua inglesa: estudo da prática avaliativa em uma escola de inglês*. Monografia de conclusão de curso.

Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/29238>

Rodrigues, C.V. (2019). *"Nunca vai ser suficiente pra mim": língua, identidade e acolhimento em experiências de alunos migrantes refugiados na Universidade Federal do Paraná*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Paraná, Curitiba. <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/66431>

Santana, R. T. (2019). *Português Brasileiro para Migração Humanitária (PBMIH): Impactos da Extensão Universitária na Trajetória Acadêmica e Profissional dos Professores*. Monografia de conclusão de curso. Trabalho de Prática de Pesquisa em Educação. Universidade Federal do Paraná, Curitiba. <https://bit.ly/3j0Iaug>

ⁱ**Cláudia Helena Daher** é professora da Universidade Federal do Paraná (UFPR), vinculada ao Departamento de Letras Estrangeiras Modernas. Coordena a área de francês do Celin, Centro de Línguas e Interculturalidade da UFPR, e contribui atualmente na vice-coordenação do projeto de extensão Português Brasileiro para Migração Humanitária (PBMIH).

Maria Cristina Figueiredo Silva possui graduação em Linguística e Português pela Universidade de São Paulo (1985), mestrado em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (1988) e doutorado na Université de Genève (1994). É professora da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e bolsista Produtividade em Pesquisa do CNPq, processo n. 312693/2019-2 na área de Teoria e Análise Linguística. Atualmente pesquisa gramática comparada, com vistas ao ensino de português como língua estrangeira. É coordenadora do projeto de extensão Português Brasileiro para Migração Humanitária (PBMIH).

Maria Gabriel é doutoranda em estudos linguísticos na Universidade Federal do Paraná (UFPR). Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Teoria e Análise Linguística, atuando principalmente nos seguintes temas: Fonética, Fonologia, Análise Acústica, Percepção, Prosódia e em Aquisição de Língua Adicional e Língua de Acolhimento (Português). Atualmente, é uma das coordenadoras e professoras do projeto de extensão Português Brasileiro para Migração Humanitária (PBMIH).

Natalia Veronica Lemos é graduanda em Letras - Português/Espanhol pela Universidade Federal do Paraná - UFPR. Atualmente atua como voluntária no projeto de extensão PBMIH - Português Brasileiro para Migração Humanitária. Bolsista de Iniciação Científica do CNPq 2019-2020 pesquisando sobre temas do português brasileiro contemporâneo.

Rafaela Tschöke Santana é bacharela em Administração (2012), licenciada em Letras - Francês (2020) e especialista em Desenvolvimento Econômico (2014) pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Atuou como professora no projeto de extensão Licenciatura em 2014-2015 e como professora estagiária de francês no Centro de Línguas e Interculturalidade da UFPR em 2015-2016. Participou do projeto de extensão Português Brasileiro para Migração Humanitária (PBMIH) como professora de português entre 2014 e 2016 e prestando suporte administrativo entre 2017 e 2019. Atualmente é professora de francês cooperada da Academia de Línguas do Paraná.

Viviane Araújo Alves da Costa Pereira possui doutorado em Letras pela Universidade de São Paulo (2014) com estágio sanduíche na Aix-Marseille Université (Bolsa Capes); mestrado em Letras pela UNESP - Assis (2007); e graduação em Letras Português-Francês pela UNESP - Assis (2003). É professora da Universidade Federal do Paraná, atuando na área de literaturas em língua francesa. É colaboradora do projeto de extensão PBMIH - Português Brasileiro para Migração Humanitária.